



Los Reinos Dorados, poesia, história, ficção e mito.

Dante Ribeiro da Fonseca¹

Com sua belíssima ode intitulada *Los Reinos Dorados* Homero Carvalho Oliva apresenta, de forma única e fascinante, a compreensão poética e mítica da herança pré-hispânica presente no Oriente Boliviano. Da mesma forma que o poeta grego, seu homônimo, transferiu a tradição oral para a escrita os poemas que narram as peripécias de Ulisses, o autor descreve a gênese, o sentido e o apocalipse dos reinos dourados. Aliás, é o próprio Carvalho Oliva que fala-nos sobre a responsabilidade de trazer esse nome:

Meu pai, o escritor Antonio Carvalho Urey, batizou-me com esse nome em homenagem ao autor da *Iliada* e de alguma forma me predispos. Não é fácil percorrer o mundo com um nome que tem uma carga literária tão grande. Em razão de minha gagueira, quando era criança não podia contar as histórias que os outros me contavam e prometi a mim mesmo que um dia escreveria esses contos.²

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1983), doutor em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2004); Professor Associado II/DE do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciência da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia e pesquisador de História da Amazônia. Emeio: zeliafonseca@brturbo.com.br.

² “Mi padre, el escritor Antonio Carvalho Urey, me bautizó con ese nombre en homenaje al autor de *La Iliada* y de alguna manera me predispuso. No es fácil ir por el mundo con un nombre que posee una carga literaria tan grande. Sobre mi tartamudez, cuando yo era niño no podía contar los cuentos que otros contaban y me prometí a mí mismo que algún día los iba a escribir y así fue”. (Li Magazine, abril, 2009).



Cumpriu a promessa e, como em toda epopéia, há nessa poesia um pouco de história e um pouco de ficção. Para que entendamos essa síntese entre a ficção, a poesia, o mito e a história, é necessário nos deixemos incorporar pelo espírito da Pátria das Águas. É preciso admitir o encanto de um atavismo que permite compreender a herança e a origem do homem oriental, especialmente do homem beniano. É ainda Carvalho Oliva que declara sua principal influência literária:

Quando li García Márquez percebi que ele estava descrevendo a mesma realidade que a de meu povo. Peixes e chovendo do céu, as meninas que estavam voando em folhas, as crianças que nascem com rabo de porco. As descrições geográficas e climáticas eram semelhantes, em meu *pueblo* também chovia por 10 dias seguidos, essas coisas do realismo mágico.³

E assim o fez, pois o poema convida ao leitor a (como que em estado de vigília) mesclar o sonho e a realidade. Ocupa-o com suas recordações e palavras, para com ele compartilhar essa fantástica história. Submersa em verdadeira anarquia criadora essa poesia paradoxalmente é histórica enquanto que a história nela contida é ficcional. Obtém por essa via uma síntese definitivamente dialética. Síntese que obsta qualquer discussão inútil quanto à preeminência de uma ou outra forma de compreensão do mundo. Proíbe, portanto, qualquer tipo de monocracia epistemológica, explicativa e relacional, do entendimento humano.

A narração inicia ao admitir o poeta que conheceu os reinos, que relembra nos seus sonhos e que descreve em sua poesia libertária,

³ “Cuando leía García Márquez me di cuenta que él describía la misma realidad que la de mi pueblo. Peces que llovían del cielo, niñas que se iban volando en sábanas, niños que nacían con cola de cerdo. Las descripciones geográficas y climáticas eran similares, en mi pueblo también llovía diez días seguidos y esas cosas del realismo mágico”. (Li Magazine, abril, 2009).



através de seu pai. E ele falava dos reinos dorados com a paixão de quem fala da mulher amada, como quem fala de sua própria vida. Essa narração permite-nos perceber o atavismo nela contido, pois apresenta-nos a compreensão poética de uma história vivida dessa parte oriental da Bolívia.

Além das fontes literárias que lhe serviram de inspiração, as palavras do autor, acima reproduzidas, permitem-nos uma outra identificação clara, o seu povo e o seu povoado natal se confundem nesse testemunho. Carvalho Oliva nasceu no Departamento do Beni, nas Terras Baixas da Bolívia. É filho do intelectual e historiador beniano Antonio Carvalho Urey (Santa Ana de Yacuma, Beni, Bolivia, 1931 – Trinidad, Bolivia, 1989)⁴. É, portanto, um oriental. Nasceu no pequeno povoado de Santa Ana de Yacuma em 1957 de onde saiu em 1961 para viver em La Paz. Matriculou-se no curso de sociologia que não concluiu, pois teve que exilar-se no México em razão da perseguição da ditadura do general Garcia Meza entre 1980 e 1981. Tornou-se depois jornalista autodidata. Carvalho Oliva é autor de

⁴ “Poeta, cuentista, periodista e historiador. Titulado como economista en la universidad cruceña, hizo actividad política y fue elegido diputado (1966-1969). Luego cumplió labores de difusión cultural en la Universidad Técnica del Beni. Como periodista, estuvo ligado a varios medios regionales y nacionales como ‘El Diario’ y ‘El Mundo’. A decir de Quintana y Duchén, Carvalho Urey “fue un apasionado defensor de la riqueza cultural y económica de su solar natal [...] LIBROS Poesía: *Instantes al olvido* (1984). Cuento: *Relatos y cuentos de mi pueblo* (1977); *Biografía de un otoño* (1983). Otros: *Síntesis monográfica del Beni* (3 v., 1975); *Bosquejo socioeconómico del Beni* (1976); *Pedro Ignacio Muiba: el héroe* (Historia de Moxos, 1977); *Del ignorado Moxos* (1978); *Visión del Beni* (1978).” BLANCO, D.R. Elías. **Diccionario Cultural Boliviano**. La Paz, Museo El Aparapita, jueves, 29 de septiembre de 2011. Disponível em: <http://elias-blancoblogspot.com.br/2011/09/antonio-carvalho-urey.html>.



inúmeras publicações: contos, poesias e antologias⁵. Foi também agraciado com diversos prêmios literários⁶.

Ao confessar outras influências sobre sua literatura, além de Garcia Marques, o autor cita seu "... *proprio pai, que era um escritor, historiador e jornalista. Eu gostava de ler, ele era um grande poeta*"⁷. Lembra também outros escritores que fazem parte desse rol de influências:

Eu acho que as outras influências foram Borges, Cortazar e Rulfo. A verdade é que eu devo tantos que eu não me lembro exatamente o que eu gosto mais. Eu acho que quando influências literárias são muitas, é por que já encontrou o seu caminho depois de transitar através do outro.⁸

Contudo, a herança da primeira infância e juventude torna-se parte inseparável de nós, por toda a eternidade, não importa aonde vamos, nem onde ficamos. Esse atavismo também é observado em

⁵ Algumas obras de Homero Oliva: Biografía de un otoño (contos, 1983); El Rey Ilusión (conto infantil, 1989); Os cuentos del gallo niguento (1986); Seres de Palabras (contos, 1991); Territorios invadidos contos, 1992); Historia de Angeles y Arcángeles (1995); Ajuste de Cuentos (contos, 1996); Memoria de los espejos (novela, 1996); Cuentos a sombra del tajibo (1999); Cuentos escogidos (2009); La maquinaria de los secretos (novela, 2009); El Muro y la Intemperie (Antologia, 1990); Antología del Cuento Latinoamericano del siglo XX (1999); Oblivion and Stone (1999).

⁶ Premio Unico Latinoamericano de Cuento (Revista FEM, México, 1981); Premio Latin American (Writers Institute, New York, 1989); Primer Premio nacional de Cuento (1995); Primer Premio Nacional de Novela (1996).

⁷ "... propio padre que era escritor, historiador y periodista. Me encantaba leerlo, era un gran poeta." (Li Magazine, abril, 2009).

⁸ "Creo que las otras influencias fueron Borges, Cortázar y Rulfo. La verdad es que le debo a tantos que ya no recuerdo muy bien quién me gusta más. Creo que cuando las influencias literarias son muchas es porque uno ya encontró su camino después de transitar por el de otros." (Li Magazine, abril, 2009).



Carvalho Oliva. A temática de sua obra permite observar a influência da natureza beniana onde:

A policromia da paisagem influenciou profundamente na formação intelectual de nossos artistas e escritores, e assim, cada um deles, impressionado por um aspecto específico de nossa natureza empreendeu diferentes caminhos nos campos das letras e das artes. (ARAMAYO, 1992, p. 15)⁹.

As palavras de Oscar Rivero Aramayo parecem dirigir-se imediatamente aos motivos e à temática da poesia de Carvalho Oliva:

Há aqueles que, possuídos pela forma multifacetada do ser mojenho, investigaram nosso passado. Outros, impressionados com a vastidão, às vezes indomável de nossa geografia, ocuparam-se em perguntar como se produziu a conquista desse rincão do planeta. (ARAMAYO, 1992, p. 15).¹⁰

Destarte, embora seja um intelectual do Oriente Boliviano, sua obra alçou dimensão nacional e internacional. É ele próprio partícipe de uma parte da história beniana, mas também da história de seu país no que tange à literatura.

Nem sempre, porém, foi essa a dimensão dos intelectuais orientais no contexto boliviano. O final do século XIX foi marcado por profundas modificações na América Latina. Na Bolívia essa era

⁹ “La policromía del paisaje ha influido profundamente en la formación intelectual de nuestros artistas y literatos, y así cada uno de ellos, impresionados por un factor específico de nuestra naturaleza ha emprendido distinto derrotero en el campo de las letras y las artes.” (ARAMAYO, 1992, p. 15).

¹⁰ “Los hay aquellos que acuciados por la multifacética forma del ser moxitano, incursionaron en la investigación del nuestro ser ancestro. Otros impresionados por la vastedad, a veces indomable de nuestra geografía, diéronse a se preguntar como así se produjo la conquista de éste jirón del planeta.” (ARAMAYO, 1992, p. 15).



começou no ano de 1880 quando após a derrota para o Chile na Guerra do Pacífico, a elite mineiradora andina elaborou um projeto de modernização nacional. Como nos demais países latinoamericanos, essa modernização não apontava para a transformação das injustas estruturas sociais existentes nesses países. Esse processo de modernização conservadora excluía da participação os indígenas e, como sabemos, a Bolívia é o país mais indígena da América do Sul.

Na literatura boliviana, o projeto modernizador excludente refletia a dinâmica política e social, mas também ficcional, como no romance de Nataniel Aguirre (Cochabamba, Bolívia, 1843 – Montevideo, Uruguay, 1888):

A literatura da época registrou a configuração simbólica deste projeto na novela *Juan de la Rosa*, de Nataniel Aguirre (1885). Neste texto, considerado pela crítica como a ficção fundacional da Bolívia, se postulava a mestiçagem como o elemento integrador da nacionalidade. Em que pese sua aparente conotação positiva, na novela de Aguirre a mestiçagem escondia, na realidade, uma complexa mas implícita hierarquização racial: a contribuição criolla, “branca” na mestiçagem era vista como superior à contribuição indígena. .”¹¹

No mesmo ano de publicação da novela *Juan de la Rosa*, Gabriel Rene Moreno (Santa Cruz, Bolívia, 1836 – Valparaíso, Chile, 1908), ele próprio um oriental, publica um ensaio biográfico intitulado *Nicomedes Antelo*. Dessa obra, conclui Paz Soldán:

¹¹ “La literatura de la época registró la configuración simbólica de este proyecto en la novela *Juan de la Rosa*, de Nataniel Aguirre (1885). En este texto, considerado por la crítica como la ficción fundacional de Bolivia, se postulaba al mestizaje como el elemento integrador de la nacionalidad. Pese a su aparente connotación positiva en la novela de Aguirre, el mestizaje en realidad escondía una compleja pero implícita jerarquización racial: la contribución criolla, “blanca” en el mestizaje era vista como superior a la contribución indígena.” (Prólogo de José Edmundo Paz Soldán ao livro *Raza de B r on z e, p. X l*) .



Se Aguirre podia, em que pese suas hierarquizações, articular a nação através da mestiçagem, Moreno assinalava a impossibilidade desta articulação se o objetivo fosse pensar um nação moderna. Os índios deviam ser eliminados para assim evitar a mestiçagem: “... o extermínio dos inferiores é uma das condições para o progresso universal.”¹²

Nicomedes Antelo, um cruceño que termina sua vida como obscuro mestre escola em Buenos Aires, torna-se uma espécie de mentor intelectual de Moreno que, após sua morte, escreve sua biografia, tirando-o assim da obscuridade em que vivera. Nas últimas páginas dessa biografia lemos que para Nicomedes Antelo o índio e o mestiço constituíam-se em risco permanente para a nacionalidade boliviana, dadas suas características fisiologicamente negativas: sua índole perniciososa e mente inadequada¹³.

As atuais departamentos de Pando e Beni estavam já em finais do século XIX em processo de ocupação colonial acelerada a partir dos Andes, tanto para o tomada das terras indígenas para a constituição de *haciendas* como para a exploração da goma elástica. A par do crescimento já visível da economia da borracha, a elite andina

¹² “Si Aguirre podía, pese a sus jerarquizaciones, articular la nación a través del mestizaje, Moreno señalaba la imposibilidad de esta articulación si se quería pensar en una nación moderna. Los indios debían ser eliminados para así evitar el mestizaje: “la exterminación de los inferiores es una de las condiciones del progreso universal” (No prólogo ao livro Raza de Bronze, José Edmundo Paz Soldán, p.XIII).

¹³ “René Moreno, en las últimas páginas de su biografía de Nicomedes Antelo expresa – con la salvedad de *si es fiel en la exposición*, confiada a la memoria – que “las conclusiones postreras sobre el indio y el mestizo a que había arribado Antelo em 1882”, eran de que éstos constituían una “cantidad negativa”, “um riesgo permanente y mortal para la nacionalidad boliviana, fisiológicamente, por causa de las células que elaboran índole perniciososa, y *mente inadecuada* en el cerebro del indio y del mestizo.” (MORENO, 1960, p. 120)



apresentava ainda desinteresse pela região que, como a Amazônia Brasileira, iniciava a ser ocupada por uma nova onda de colonizadores.

Se o nativo andino e das encostas andinas, antes assimilado ao Império Incaico, era considerado por muitos naquela época um degenerado, incapaz de contribuir para o progresso nacional, imagine-se aqueles nativos do Oriente boliviano? Eram eles tidos como bárbaros e selvagens.

Interessa, para fins do entendimento da obra de Carvalho Oliva, sobretudo as antigas províncias jesuíticas de Mojos e Chiquitos, as quais a barbárie e selvageria eram atribuídas. Em finais de século XIX pouco se sabia da literatura produzida nessa região. Existiam escritores orientais, como René Moreno, mas a questão é se existia uma literatura poética e ficcional com temática oriental. Em outras palavras: havia uma literatura oriental? O livro *La literatura boliviana, breve reseña* de Santiago Vaca Guzmán, publicado em Buenos Aires no ano de 1893, nada fala sobre a literatura das Terras Baixas, com exceção da publicação de um ou outro periódico. Souza (2012) afirma a esse respeito:

[...] até a metade do século XX o oriente boliviano historicamente ficou relegado ao ocultamento não só dentro da historiografia do país, mas em todos os campos incluindo as produções literárias, artísticas e musicais que, segundo ele, foram sistematicamente marginalizadas e condenadas a vida provinciana não por falta de qualidade e merecimento, mas por simplesmente fecharem a porta a esta cultura.

Quanto ao nativo do Oriente boliviano palavra *camba*¹⁴, usada para denominá-los, transforma-se ainda hoje, na boca dos andinos

¹⁴ Segundo Silva (2012, nota de rodapé 4) na composição étnica na Bolívia, distinguem-se:



(Colla) ou dos vales (Qochalo), em um epíteto, dada a forma pejorativa que é usada. (SILVA, 2011, p. 211). Às desigualdades sociais somavam-se as desigualdades regionais e mesmo agudas desigualdades intrarregionais traduzidas em preconceito social. É sintomático o texto de Moreno quando declara:

Até há trinta anos se ensinavam em Santa Cruz quatro coisas: dançar, o latim, o amor e a história natural.

É a única população boliviana que não fala nem nunca falou outra língua senão o castelhano, foi também a única de pura raça espanhola, e nisso se espelhava. A plebe guardava eterna antipatia ao colla (nativo do altiplano), ao camba (castas guaranis das províncias departamentais e do Beni) e ao português (brasileiros fronteiriços e quase todos mulatos ou zambos). Daí o dito popular cruceño:

Os inimigos da alma são três:

Colla, camba e português. (MORENO, 1960, Parte II)¹⁵.

É a história do camba, desse nativo desprezado pelos colonizadores de origem espanhola, sob forma de poesia, que Carvalho Oliva pretende resgatar das brumas do tempo. Uma história recusada pelos conquistadores e depois pela elite política e econômica boliviana, tanto nacional/andina como provinciana/oriental.

“OS COLLAS são os habitantes da região andina, em oposição aos CAMBAS que são os mestiços do trópico. CAMPESINOS se chamam aos quechuas e aymaras rurais da região andina. COLONOS são os camponeses quechuas e aymaras que migraram para o trópico.

¹⁵ “Hasta hace treintan años se enseñaban magistralmente em Santa Cruz cuatro cosas: bailar, el latin, el amor y la historia natural.

Es la única población boliviana que no habla ni ha hablado nunca sino castellano; ha sido también la única de pura raza española, y se miraba em ello. La plebe guardaba eterna ojeriza al colla (altoperuano), al camba (castas guaraníes de las provincias departamentales y del Beni), y al portugués (brasileños fronterizos y casi todos mulatos o zambos). De aqui el artículo inviolable de doctrina popular cruceña:

Los enemigos del alma son tres:

Colla, camba y portugués”. (MORENO, 1960, Parte II)



De quais “reinos” nos fala Carvalho Oliva em sua poesia? Reinos cujo espírito e inteligibilidade herdou através das palavras de seu pai. Reinos aos quais buscou ansiosamente reviver no universo dos seus próprios sonhos e lembranças. E é nesse infinito universo dos devaneios que reencontra seu pai, sentado em sua casa no Beni, na pequena localidade de Yacuma. Ali seu pai, cercado de flores, faz com um sopro, como fez o Criador ao dar alma ao homem, surgir para ele os antigos reinos que hoje já não mais existem:

De que nos fala a poesia de Carvalho Oliva? Das grandes civilizações imaginárias, das culturas poeticamente consideradas. Mas fala-nos também de uma história concreta, tão concreta quanto pode ser o real pensado ou como as várias dimensões do real o são. Fala-nos de reinos que muitos consideram fantasiosos, como a Lemuria, a Atlântica, a Thule¹⁶ e ... o El Dorado. Fala-nos de seus homens, suas relações, de um ambiente social imerso na floresta com a qual forma sua unidade, como que em simbiose (... *porque nuestra era la vida y el orden espiritual de la naturaleza*).

É uma poesia da gênese ao descrever a ocupação primeva do homem nessas terras. Tão incipiente que quando os incas vieram do altiplano para intentar dominá-las perceberam então que tudo ali era novo. Chamaram-na então Terra Nova (*musus* em quéchua). Como a terra era nova, e o homem primevo, foram nela revelados também pela primeira vez os nomes das árvores e dos animais. Nela surgiram as inúmeras línguas, mas também o dom do entendimento pois, todos sabiam que *Amarumayo* era do Rio das Serpentes. Nesse mundo foram domesticados os vegetais, como a macaxeira (*yuca*) para que fossem

¹⁶ Thule, na geografia romana e medieval significava as regiões além das fronteiras do Mundo.



inventados a chicha (cauim¹⁷) e o chibé¹⁸. Tudo o que o conquistador europeu aí encontrou foi criado nesse mundo, dos reinos dourados.

Nesse reinos, os animais conheciam e anunciavam os sonhos dos homens. A realidade anárquica encontrava limites em todos os reinos, mas não havia nenhuma capital. Assim, o poeta, declara ao leitor a sujeição dos moradores desses reinos apenas à liberdade (como em Rousseu aparece aqui a liberdade como o impor a si próprio os limites de suas ações). É a realidade poética de uma territorialidade sem fronteiras, de uma contraditória babel da inteligibilidade. Da ausência da diferenciação social sugere os reinos dorados como uma utopia realizada como um *topos* espiritual (... *nadie gobernaba los Reinos Dorados. Todos éramos gobernantes todos éramos reyes y vasallos*).

Em tudo o que evoca Carvalho Oliva há uma verdadeira integração entre homem e natureza. Esse era o verdadeiro ouro dos reinos dourados, mas poucos conquistadores, incas ou espanhóis, conseguiram vê-lo. A natureza (ou os deuses) possuía alma e conversava com os homens através dos sonhos. Caçar e pescar era permitido apenas com a autorização dos deuses tutelares dos lugares. Quando um guerreiro abatia um tigre, tomava seu nome para que nada fosse esquecido.

Como é da ordem das coisas que tudo tenha fim, à gênese dos reinos dourados segue-se o apocalipse. Os reinos das águas, das chuvas e dos rios em cujas margens surgiu constituíam-se em civilizações fluviais. Esse universo fluminense dava sentido às suas próprias existências como essência primitiva e razão de ser

¹⁷ Bebida fermentada e alcoólica feita da macaxeira.

¹⁸ Chibé ou Jacuba, bebida feita a partir da mistura da farinha de mandioca com a água.



(*Amábamos el Agua porque sabíamos que cada gota albergaba otros reinos otros mundos*). Foi a água o princípio e o fim pois a água parada apodreceu quando veio a destruição desse mundo (a conquista). De nada aproveitou a advertência dos *tiarauquis*¹⁹ o tempo dos reinos dourados acabou-se em água, como em um enorme dilúvio. A história desses reinos foi destinada pelo conquistador ao esquecimento nas brumas do tempo dessa Terra sem Males²⁰.

O que restou? A manutenção pelos descendentes do cataclismo de uma lembrança ancestral e nostálgica de ter sido um feliz povo das águas. Essa lembrança pode ser renovada cada vez que esses homens, abandonando as fainas da vida, caminhem pelo mar vegetal da planície mojenha, das trilhas sinuosas buscando a *Loma Santa*.

Eis porque nada até hoje indica a existência do Gran-Paititi ou outros reinos assemelhados, tal como restou no imaginário dos novos colonizadores de origem espanhola. É que esses procuraram os reinos dourados onde eles não estavam. Gentes dos Andes: incas, espanhóis, collas, desceram para a selva cerrada, em busca do reino quimérico onde os monarcas se banhavam em ouro. Não viram eles a realidade edênica da Terra sem Males. Viram os xamãs, que utilizavam a *ayuhasca*, as guerreiras de lanças coloridas ou os guerreiros que

¹⁹ “A mas del Comocois, o sacerdote del tigre, habia otros sacerdotes llamados Tiarauquis (los de la vista perspicaz). Estos ministros, los mas venerados, eran elegidos entre los Comocois, cuando algun espíritu invisible para los demas, se presentaba á ellos y los aletargaba por algunos instantes.” (D’Orbigny, 1845, p. 142)

²⁰ A Terra sem Males é um mito tupi-guarani, semelhante ao paraíso edênico cristão, de uma terra onde não é preciso trabalhar, não se adoce e não se morre. Interessante é observar que como os cristãos daquela época os nativos também acreditavam na existência terrena deste lugar, e procuravam-no. O próprio Cristóvão Colombo acreditou, quando de uma de suas viagens pela América, ter passado por um lugar onde fora o paraíso antes da queda e expulsão do homem.



reduzem as cabeças de seus inimigos e costuram seus olhos, narizes, bocas e ouvidos para aprisionar suas almas. Foram essas gentes que trouxeram a barbárie, fizeram o fluxo da água estagnar-se e, depois, tomar outro rumo.

Muito restou da existência desses reinos nas lembranças das populações nativas conquistadas. A lembrança desse reino de ouro situado nas selvas abaixo dos Andes persistiu na memória andina como uma lenda possível, bela e mágica, selvagem e primitiva, como um marco recorrente, pois: *A ponte mítica da relação incaica com a selva continuaria com laços invisíveis até a conquista espanhola*²¹. (1991, p. 155-6).

Esses povos, de fato existiram nessa grande região. Viveram nesse corredor que inicia na floresta amazônica e segue até espriar-se no chaco compartilhado por três fronteiras: do Brasil (Mato Grosso), da Bolívia e do Paraguai. Viviam onde estava o mítico Gran Mojos. Segundo Zeitem Lopes (1991, p, 155), o Gran Paititi estava situado nas mediações do rio Madre de Dios (formador do Beni) e do rio Beni. Essa região abarcava a encosta leste dos andes e abrangia a região das avanas onde situa-se hoje o departamento do Beni, também denominada *llanos* (planícies) de Mojos.

A divisão política e administrativa da Bolívia é composta por uma escala de unidades hierarquizadas na seguinte ordem: departamentos, províncias e municípios. A Bolívia possui nove departamentos, a saber: Pando, Beni, Santa Cruz, Chuquisaca, Tarija, Potosi, Cochabamba, Oruro e La Paz (REYES, 2009, p. 162). Desses departamentos compoem o Oriente Boliviano os departamentos de:

²¹ “El puente mitico de la relación incásica com la selva continuaría com lazos invisibles hasta el ingreso del conquistador español.” (Lopez, 1991, p. 155-6)



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

... Pando, Beni, e Santa Cruz, parte dos de La Paz e Cochabamba, o que perfaz mais de 50% do atual território nacional. Este território pode ser dividido em três subáreas: planícies de Moxos, a Chiquitania ou província de Chiquitos, e a Cordilheira de Chiriguanos (ANZAI, 2008, Nota de rodapé, no. 4).

Departamentos Bolivianos



Fonte: www.boliviacultura.com/images/mapa_dept2.jpg, citado por Reyes, 2009, p. 164.

A região dos llanos ocupa áreas dos departamentos de Santa Cruz, Beni e Pando. (MORALES, 2000, p. 9). É limitada a oeste pelas encostas andinas, ao norte por trechos dos rios Acre e Abunã, a oeste pelos rios Guaporé (denominado Itenez na Bolívia), São Miguel e Mamoré e ao sul pelo paralelo 17°30' (CALANDRA; SALCEDA, 2004, p.

360



156). Em 1560, foi criada a Província de Mojos. Essa província ocupava um território compreendido pelo rio Javari ao norte, confluência dos rios Paraguai e Vermelho ao Sul, margem ocidental do rio Paraguai ao leste e a oeste parte dos departamentos de La Paz, Chuquisaca, Tarija e Cochabamba. (CHÁVEZ, s/d, p. 4). Enfim, a região dos llanos confunde-se com o mítico reino do Gran Paititi.

De que natureza era constituído esse reino? De castelos de pedra habitados por uma nobreza opulenta adornada com ouro, prata e pedras preciosas? Não, pois nenhum desses reinos se parece com os reinos dourados que os exploradores buscavam nas selvas e savanas de Mojos.

A região da qual falamos é extremamente rica em povos portadores de línguas e culturas diversas. Somente para citar algumas: tupi-guarani, aruaque e caribe, entre inúmeras outras (MÉTRAUX, 1942, p. 1). Dentre os grupos indígenas ali existentes podemos citar os araonas, chamas, pacaguaras, chacobos, cavineños, iténez, tacanas, itonamas, pausernas, chimanes, ignacianos, trinitarios, sirionós e yuracarés. Na área compreendida pelo Departamento do Beni viviam grupos de fala aruaque como os baures e os mojos e grupos de outras famílias linguísticas, como os cajuvavas, de família linguística de mesmo nome, e seus vizinhos, os canichanas e movimas, falantes este dois últimos de línguas isoladas. Também ali viviam os morés, falantes da família linguística chapacura e os sirionós, da família linguística tupi-guarani. Da família linguística pano-tacana podemos mencionar, como habitantes da área que hoje compõe o Departamento do Beni os cavinenhos, chácobos e maropas (CHÁVES, s/d, p. 3 e segs.). Seria, enfim muito longa a enumeração de todos os grupos indígenas localizados no Oriente Boliviano, mesmo se apenas nos limitássemos



ao Departamento do Beni e acreditamos que o pouco que mencionamos já ilustra bem a dimensão dessa diversidade.

A essa multiplicidade linguística lembramos que no período anterior da conquista havia também uma diversidade de desenvolvimento sociocultural. Os grupos aruaques desenvolveram sistemas agrícolas compostos por obras como os mounts ou tesos e lomas, eram imensas colinas artificiais que permitiam a manutenção da agricultura e da fixação sedentária dessas populações, mesmo durante os períodos das inundações²². Assim também inúmeros geóglifos encontrados nessa região estão vinculados aos vestígios da dispersão arauaque (ERICKSON; ÁLVAREZ; CALLA, 2008, p. 16). Tais obras permitem supor uma organização social que a tudo escapa considerar, genericamente, bárbaro e selvagem ao mojenho²³.

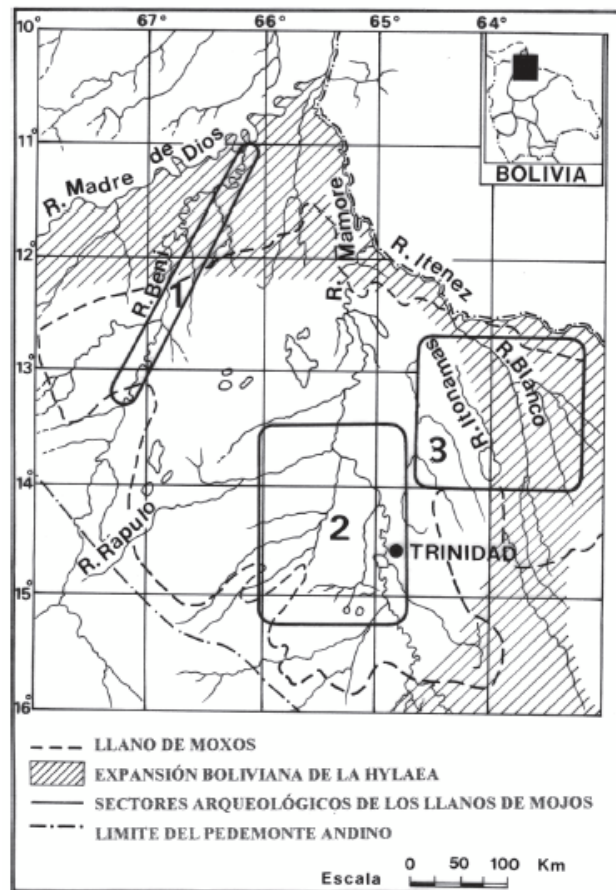
Essas populações são as testemunhas de um passado que no espírito refugiou-se do cataclismo da conquista. Restaram, contudo, os

²² La vida nativa en la zona data de varios miles de años, producto de las normales migraciones de grupos provenientes del Caribe, los Arawak, tronco lingüístico y genético de donde descienden los nativos, identificados con el nombre de mojeños. Este grupo nativo poseía grandes cualidades de agricultor y tenía el dominio de la hidráulica, eso podemos comprobarlo al observar el sistema de camellones, canales, terraplenes hechos a mano, en donde se producía y servían de caminos en épocas de lluvias o de inundaciones. Por la extensión de este sistema de producción y vial, se supone que la población sobrepasaba el cuarto de millón de habitantes. (CHÁVEZ, s/d, p. 5).

²³ La vida nativa en la zona data de varios miles de años, producto de las normales migraciones de grupos provenientes del Caribe, los Arawak, tronco lingüístico y genético de donde descienden los nativos, identificados con el nombre de mojeños. Este grupo nativo poseía grandes cualidades de agricultor y tenía el dominio de la hidráulica, eso podemos comprobarlo al observar el sistema de camellones, canales, terraplenes hechos a mano, en donde se producía y servían de caminos en épocas de lluvias o de inundaciones. Por la extensión de este sistema de producción y vial, se supone que la población sobrepasaba el cuarto de millón de habitantes. (CHÁVEZ, s/d, p. 5).

vestígios de sua antiga existência: as colinas artificiais, as cerâmicas esplendorosas e os enfeites com os quais eram enterrados os mortos. Lá estão os cumes dos campos de cultivo elevados, os canais que se convertiam em ruas dos reinos dourados, todas as obras encontradas nos *Llanos de Mojos*.

A região dos Llanos de Mojos e os principais sítios arqueológicos onde viveram os primeiros colonizadores dessa região.



Setores: 1. Oeste de Mojos, 2. Mojos Central, 2. Este de Mojos (Iténez).

Fonte: CALANDRA & SALCEDA, 2004, p. 158.



Aqui Homero Carvalho, novamente como Rousseau, viu uma época de ouro nos primórdios da humanidade nesse espaço do América do Sul. Ao recusar a existência material de tais reinos na selva afirma sua existência espiritual, ou mais propriamente social. Declara uma época dourada onde a selva mesma estaria contida nos reinos dourados. Essa declaração radical não significa qualquer vestígio de materialidade, mas sim de pura abstração. Não significa, como interpretou Coímbra em seu romance que Siringa que:

Os homens haviam localizado definitivamente o que durante a Conquista foi a fascinação da aventura castelhana: a Terra do Gran Mojo ou do Gran Paititi. Mas as riquezas de “ouro e pedrarias” não eram vistas precisamene em sua forma mineral ...²⁴ (1989, p. 27).

Durante o período gumífero a riqueza que o viajante queria ver nesses imensos territórios somente poderia ser a “árvore do ouro”. A seringueira, anunciava toda essa riqueza do El Dorado, do Gran Paititi ou do Gran Mojo. Em outros períodos foram as especiarias que davam também os seus nomes à região: País da Canela, Montes de Baunilha. Foi também a quina ou chinchona de cuja casca em infusão eram aplacadas as febres que matavam os conquistadores. Contudo, não conseguiram o ouro, a quina, o caucho, o copal, como agora não conseguirão a madeira, a castanha e o petróleo, porque a cobiça de seus espíritos deixou um vazio inesgotável, uma sede que nunca é saciada, a sede de uma riqueza que não existe porque é matéria, é finita, não espírito.

²⁴ Los hombres habían localizado ya definitivamente lo que durante la Conquista, fue la fascinación de la aventura castelhana: la Tierra del Gran Moxo o del Gran Paytiti. Pero las riquezas de “oro y pedrería” no se veían de f o r m a p r e c i s a m e n t e m i n e r a l . . .



Qual o mundo que ainda não havia nascido ainda naquele tempo onde já existiam a vida e a morte? O mundo ou o tempo nativo como sinônimo do Mundo Dourado. Um mundo de assombro flúido de água, rio e chuva, dos sons dos animais e aves da floresta, onde esses emures adventícios adaptaram-se. A selva estava então no Reino Dourado porque os homens e a selva eram o mesmo.

Alguns conquistadores, porém, conseguiram descobrir esses reinos dourados. De sua fusão com o nativo nasceram os artistas e músicos, caminhantes da selva, descendentes dos povos das águas. Foram aqueles que desceram dos Andes para converter esses povos ao cristianismo. Assim, língua castelhana foi absorvida pelos povos das águas, mas não impunemente, porque o espírito dos reinos dourados nela foi infundido. O cataclismo, todavia, não destruiu a essência dos reinos dourados, que continua nascendo nos seres da floresta, sem deixar-se governar pela tristeza porque seus habitantes amam também esse novo tempo.

Essa eterna esperança de permanecer nos reinos dourados, à Terra sem Males, somente é possível porque está contida em cada um daqueles que descendem de homens e mulheres que possuíam um coração muito além do próprio coração. Os movimas, mojenhos, sirionós, itonomas, canichanas, cavinenhos, chacobos, baures, cayubabas, chimanes, pacaguaras, otuquis, pausernas, yuracarés e muitos outros até além do rio Amazonas.

Fontes Consultadas

AÑEZ, Emma Banzer Toro. **Monografía de Exaltación**. Santa Cruz: Oriente, 2004.



- ANZAI, Leny Caselli. **As 'Missões Espanholas' nos registros do Senado da Câmara de Vila Bela da Santíssima Trindade (1734-1789)**. I Congresso Internacional Chiquitano "La Misión Jesuita en Territorios de Frontera en América" San Ignacio de Velasco, Bolivia, del 22 al 24 de Mayo de 2008.
- ANZAI, Leny Caselli. **Missões de Chiquitos e Moxos e a capitania de Mato Grosso**. Missionaçãõ. Revista Lusófona de Ciência das Religiões – Ano VII, 2008 / n. 13/14 – 253-262.
- ARAMAYO, Oscar Rivero. **Diccionario Biográfico de Intelectuales Benianos**. Trinidad (Bolivia): Gobierno Departamental del Beni, 1992.
- ARCHIVO Y BIBLIOTECA NACIONALES DE BOLIVIA. Bibliografía Boliviana, 2002.
- ARGUEDAS, Alcides. **Raza de Bronce**. Republica Bolivariana de Venezuela. Colección Clásica, Nº 234. Fundación Biblioteca Ayacucho, 2006.
- ARGUEDAS, Alcides. **Historia general de Bolivia**: el proceso de la nacionalidad (1809-1921). La Paz: Arnó Hermanos, 1922.
- ARZABE, Teddy R. Farrachol. **Bibliografía Beniana y Pandina**. Trinidad: 2005.
- CALANDRA, Horacio Adolfo; SALCEDA, Susana Alicia. Amazonia boliviana: arqueología de los Llanos de Mojos. *Acta Amazonica*, Manaus, v. 34, n. 2, 2004 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0044-59672004000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Jan. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0044-59672004000200003>.
- CHÁVEZ, Bismark A. Cuéllar. Las etnias del Oriente Boliviano: Origen, costumbres y mestizaje. *Sociedad de Estudios Geográficos e Históricos de Santa Cruz*. Santa Cruz de la Sierra: s/d.
- COIMBRA, Juan B. **Siringa**: memorias de un colonizador del Beni. La Paz: Juventud, 1989.
- D'ORBIGNY, Alcide. **Descripción geográfica, histórica y estadística de Bolivia**. Tomo primero. Paris: Gide e Compañia, 1845.
- ERICKSON, Clark; ÁLVAREZ, Patrícia; CALLA M., Sergio. *Zanjas circundantes: obra de tierra monumentales de Baures en la Amazônia Boliviana*. Informe del trabajo de campo de la temporada 2007. Bolivia: julio, 2008.
- GUZMÁN, Santiago Vaca. **La literatura boliviana breve reseña**. Segunda edición. Buenos Aires, 1883.



Li Magazine. Santa Cruz de la Sierra, viernes, 3 de abril de 2009. "La literatura me ha salvado del suicidio" entrevista com Homero Carvalho Oliva realizada por Claudia Gonzales Yaksic. Disponível em: http://limagazinebolivia.blogspot.com.br/2009_04_01_archive.html.

LOPEZ, Said Zeitum. **Amazonia boliviana**: introducción al estudio de la temática norteamazonica. 1. ed. La Paz: Visión, 1991.

MESA, José de; GISBERT, Tereza; GISBERT, Carlos D. Mesa. **Historia de Bolivia**. La Paz: Editorial Gisbert, 2008.

MÉTRAUX, Alfred. **The native tribes of eastern Bolivia and western Matto Grosso**. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 134. Washington: United States Government Printing Office, 1942.

MORALES, Rolando et alii. *Bolivia: geografía y desarrollo económico*. Research Network working paper ; R-387), Inter-American Development Bank . Latin American Research Network. La Paz: Centro de Estudios Económicos y Sociales (Ciess), 2000.

MORENO, Gabriel René. **Nicomedes Antelo**. Santa Cruz de La Sierra (Bolívia): Universidad Gabriel René Moreno, 1960.

OCA, Ismael de Montes. Geografía y clima de Bolivia. *Bulletin de l'Institut Français d'Etudes Andines*. 1995, 24 (3): 357-368.

OLIVA, Homero Carvalho. **Los Reinos Dorados**. Série La Mancha. Santa Cruz de la Sierra: La Hoguera, 2007.

POPPE, Ricardo Pastor. **Escritores bolivianos contemporáneos**. Colección Texto y Documento. Editorial Los Amigos del Libro, 1980

REYES, Fernando Siliano. As perdas territoriais do Estado Boliviano (1825-1935). *GEOUSP - Espaço e Tempo*, São Paulo, Edição Especial, pp. 161 - 181, 2009

RIBERA Hernan Messuti, **La Historia de los llanos bolivianos**. Cobija: Presencia, s/d.

SILVA, Giovani José da. A Bolívia, a Chiquitania e as populações indígenas em um mosaico étnico e cultural. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, vol.6, No 2/ 2012

SILVA, Giovani José da. A respeito de migrações e estigmas: indígenas Camba-Chiquitano na fronteira Brasil-Bolívia, segunda metade do século XX. *História Unisinos* 15(2):159-171, Maio/Agosto 2011.

SOUSA, Saulo Gomes de. Homem e natureza introdução à literatura amazônica beniana. In: *Caderno de Resumos do VI Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental: literatura e*



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

estudos culturais nas Amazônias. V Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia. Rio Branco, Acre, 2012.

Los Reinos Dorados
Homero Carvalho Oliva
Poesía

A Brisa Estefanía, Luis Antonio y Carmen Lucía, para que nunca olviden su legado y les cuenten a sus hijos de dónde venimos.

A Valia Carvalho.
 Gracias prima querida.
 Y para Cathy Van Houter, la hija que vino de uno de los inolvidables reinos celtas.

Los dioses no han muerto, nosotros dejamos de verlos
 Fernando Pessoa

Siente
 mi presencia bajo tu piel
 y déjame que vuelque en ti
 mi alma cargada de recuerdos
 Yo seré tus sueños
 y habitaré tus palabras
 para que juntos contemos
 la historia de los Reinos
 Dorados
 Mi padre hablaba
 con la misma pasión
 con que se habla
 de las mujeres amadas
 Desperté radiante
 pensando que él había vuelto
 y el silencio de la madrugada
 me recordó que mi padre
 habitaba el infinito de los
 sueños
 Volví a dormir
 y lo busqué ansioso
 en el mundo de adentro
 lo encontré sentado
 en serena contemplación
 sobre su mecedora de mimbre
 debajo del florido guayabo
 del patio de su Casa en el Beni

Mi padre

extiende su brazo
 y abriendo su puño
 sopla la palma de su mano
 dejando escapar en ligera brisa
 fabulosas imágenes que se
 pierden en el aire
 Me muestra remotos reinos que
 se extinguieron en la tierra pero
 ninguno de ellos se parece
 a nuestros Reinos Dorados me
 dice
 Los exploradores cuentan
 que estaban en las selvas de
Moxos
 y eso no es cierto
 que lo cierto es
 que la selva estaba en los
 Reinos Dorados

Cuando vivíamos
 en los Reinos Dorados
 el mundo no había nacido aún
 existía la vida
 existía la muerte
 pero el mundo no había nacido
 aún

Nosotros
 habitantes de la selva
 asistimos al nacimiento
 de ese mundo dorado
 donde todo era nuevo
 donde todo era asombro
 y ante todo estaba el Agua
 el río
 la lluvia
 El canto de las aves
 el gruñido de las bestias
 el zumbido de los insectos
 el leve aleteo de las hojas
 iban nominando el mundo
 y nosotros hacíamos de
 bautistas

Los nombres
 nos eran revelados por
 los espíritus protectores de la
 selva

Un graznido y nació el *cuyabo*
 un rugido y aparecía el *jaguar*
 a los árboles los nombramos
 con palabras cifradas y secretas
ochoó les llamamos
tajibo les llamamos
 un breve oleaje y gritábamos
caimán
 un desliz en el follaje y *sicuri*
 susurrábamos
 con el bello *arairiqui*
 nominamos a las estrellas
 Los mismos espíritus
 crearon la *yuca* para que
 inventemos la *chicha* y el *chivé*
 Tan joven era todo
 que los de arriba
 nos llamaron *musus*
 que en la lengua de los
inkakuna
 quiere decir tierra nueva

Conocíamos
 los nombres de los animales
 y ellos sabían de nuestros
 sueños
 nos anunciaban la llegada de la
 muerte
 y se alborotaban jugando con
 los niños
 En los Reinos Dorados
 nacíamos con el don del
 entendimiento
 cada nación hablaba su propia
 lengua
 pero todos sabíamos que
 cuando
 alguien decía *Amarumayu*
 se refería al Río de las
 Serpientes

Para cazar y pescar
 pedíamos permiso a
 los genios tutelares de los
 lugares
 Los *comocois* eran los únicos
 que compartían los nombres
 de los tigres

cuando un guerrero mataba a uno de éstos
adoptaba su nombre para que nadie lo olvide
Los hombres bestias
se transformaban en fieras y en las afueras del pueblo
descansaban después de la cacería
mientras que las bestias transformadas en hombres
yacían junto a las doncellas del pueblo

El Arco Iris
protegía a los Reinos Dorados de todos los males y el rocío
fertilizaba la naturaleza
abrillantando los colores de las flores y de las plumas de las aves
De vez en cuando
llegaba un viento del sur recordándonos que no muy lejos
de nuestros límites estaba el frío

Más allá
de la humedad
y de la espesura
de las nubes solteras
del dulce lecho del río
de las entrañas de los árboles
siempre había algo más
algo que guardaban los Reinos Dorados
En los Reinos Dorados
los hombres y la selva éramos uno

Mientras se mece
mi padre descansa
y enciende otro cigarro
el humo serpentea en el aire
y se convierte en un gusano de *totaí*
En trance
posesionados

por los espíritus de la selva
los *chamanes* lanzaban mágicas conjuras
encerradas en palabras claves que abrían
las delirantes dimensiones de los tres cielos
el cielo mismo
el cielo donde habitamos
y el cielo de la tierra

Mi padre habla nuevamente para recordar que los Reinos Dorados
limitaban con todos los reinos y su capital no estaba en ninguna parte
Nosotros lo sabemos pero jamás lo diremos
me dice sonriendo y se sirve un sorbo de refresco de *achachairú*
luego toma un puñado de almendras
y las va masticando sin prisa una a una

Rememorando los muchos nombres
que los viajeros dieron a los Reinos Dorados
mi padre piensa que cada quién vio lo que quería ver
Llegaron tras las especias de nombres sonoros como *urucú*
y nos nombraron País de la Canela
y la tierra de los Montes de Vainilla

Recuerda también
que los que vinieron a nuestro *Moxos*
País de la Llanura buscando el oro de los ríos
solamente encontraron el incienso del tabaco
De arriba vinieron

los *queshwasimi* creyendo que en las tierras del Gran *Paitití*
se perdió *inkarri* su mítico héroe
pero no se puede encontrar a quién no quiere que lo encuentren
El Reino de Enín
decían allende los mares y venían buscando mundos cósmicos
y cantos sagrados que los arrastren
a sueños místicos que develen antiguos misterios de la historia

Candire
Candire repite mi padre ese era nuestro nombre así nos llamábamos nosotros aunque muy pocos lo recuerden
Ahora nos llaman Beni como otro de nuestros ríos tal vez para que no olvidemos que todos los ríos conducen a los Reinos Dorados
Allá nadie recordaba los nombres de las ciudades y todas eran conocidas como la ciudad de la orilla del río

Y así como
nuestros reinos limitaban con otros dominios y su capital no estaba en ninguna parte
nadie gobernaba los Reinos Dorados
Todos éramos gobernantes todos éramos reyes y vasallos porque nuestra era la vida y el orden espiritual de la naturaleza

En nuestro período de esplendor

construimos sobre los altos
árboles
legendarios palacios que se
perdían en las nubes
2
Hoy son muchos
quienes creen que
fueron reinos imaginarios
que así como la fantástica
Lemuria
la portentosa Atlántida
y la misteriosa Thule
fueron apenas arcaicas
mitologías
Pero ahí están
las lagunas encantadas
que se desvanecen al morir el
jichi
y los lugares mágicos
cuyos espíritus escaparon
del cataclismo refugiándose en
los cuentos
que las ancianas transmiten a los
niños
¿Te acuerdas
de las hazañas que los
guerreros
contaban en la Gran Casa del
pueblo?
¿Te acuerdas
que iban inventando
lo que vivieron en cada
cuento?

Ahí están
los terraplenes contruidos
con millones de conchas
marinas
las insólitas lomas artificiales
sedimentadas con vetustas
cerámicas
de exquisitos y reveladores
adornos
sobre las que enterrábamos los
cuerpos
de quienes se nos adelantaron
en el viaje
al mundo de adentro
Ahí están

para el que quiera verlos los
inmensos camellones
elevados campos de cultivos
Los incontables canales de
desagüe
que se convertían en calles
y avenidas fluviales de los
Reinos Dorados
Ahí están
las monumentales obras
de ingeniería hidráulica
los interminables diques
que cruzan las pampas
de los llanos de *Moxos*

El misterio sigue ahí
basta escarbar un poco
en el prodigioso suelo
de los Reinos Dorados
y allí bajo la piel terrena
están las tablillas que cuentan
las maravillosas crónicas de lo
que fuimos
la historia de la cultura del
Agua
anterior a aquellas que
trabajaban la Piedra
y veneraban a las Montañas
Vestigios imposibles
de cuando dominábamos
los vastos secretos de las aguas

Presintiendo
que nuestra verdadera
historia estaba en los ríos
dorados reflejos que fluyen
por las selvas y sabanas
un errante solitario cargado de
versos
nos denominó Patria de las
Aguas

El Agua
el río
la lluvia
nuestro afán y nuestro destino
en sus riberas creció nuestra
civilización

El río era la esperanza y el
devenir eternos
razón de nuestra existencia los
ríos
eran la providencia, la luz, la
vida y la muerte
Amábamos el Agua
porque sabíamos que cada
gota
albergaba otros reinos otros
mundos

Los poetas de los Reinos
Dorados
escribían con la tinta del río
Mamoré
madre de las Aguas
madre de todos los seres
Hay que sumergirse en esas
Aguas
para encontrar nuestra esencia
primitiva

Nuestro origen
fue nuestro final
el Agua decidió
nuestra suerte cuando dejamos
de ser la Tierra sin Mal
y sobrevino la inundación
metáfora de la destrucción
pues cuando el Agua se estanca
todo se pudre

Ni las advertencias de los
tiarauquis
que tenían luz en los ojos
frenaron la codicia de ser más
de ser superiores a lo que
éramos
nos negamos a leer en los
astros
para no aceptar que la arena
de nuestro tiempo se acababa
No quisimos creer
que los magníficos Reinos
Dorados
se perderían inevitablemente
en el Agua

Así fue como el Agua
se volvió una condena
y el invierno nos llegó
como un estruendoso diluvio
Nuestra historia
se evaporó en las brumas del
tiempo
la niebla que ocultó la tragedia
tardó en disolverse
y el sol redimido
despertó el silencio
sobre las ruinas de la llanura
porque nunca debimos olvidar
que fuimos una civilización
que por saberlo todo lo perdió
todo

He vuelto hijo mío
porque me quedaba
algo por hacer para liberar
al pájaro de mi memoria
para que mi voz sea un
eco ancestral que traiga
la imagen de esa tierra
la Tierra de la gente de las
Aguas
De esos nuestros antepasados
descienden tus abuelos y
abuelas
*movimas, moxeños, sirionós,
itonomas, canichanas,
cavineños,
chacobos, baures, cayubabas,
chimanes
pacaguaras, otuquis,
pausernas, yuracarés*
y otros muchos otros pueblos
allende el Río de las Amazonas
el río mar
el río océano
el río del mundo

Tus abuelos inventaron el
nombre de tu madre
perturbador como la luna que
crece
y en el manso arroyo
los brujos del viento
me lo revelaron

para que yo sea el Agua
y tu madre la Tierra
que te fruteó un agosto
temprano
En nombre de ellos
de tu madre y tus abuelos
traigo el encargo de decirte
que en las antiguas naciones
de los Reinos Dorados
la vida era otra cosa

Estas nostalgias
de ser un pueblo feliz les han
dado a ustedes moradores
del mundo de afuera
el carácter melancólico que
envuelve
a todos los habitantes de la
Patria de las Aguas
y les han otorgado el recuerdo
ancestral
de la Tierra sin Mal
del paraíso mismo
Nostalgia que se renueva cada
tiempo
y que hace que dejen toda su
vida y salgan
a caminar sobre el mar vegetal
de la llanura
y los sinuosos senderos del
monte buscando la Loma Santa

Hasta que los hombres
protegidos por yelmos llegaron
buscando ciudades con calles
de oro
parques de plata y jardines de
esmeraldas
Buscaban una leyenda perdida
en los inmensos territorios
de los hombres del arco grande
de las guerreras de lanzas
coloradas
de los *chamanes* de la
ayahuasca
de los que atrapan el alma de
sus muertos
cosiéndoles los ojos

las narices
las bocas
los oídos
y reducen las cabezas de sus
enemigos
Buscaban El Dorado
más allá del blanco lomo del
ande
en los dominios de los *mumipai*
aquella gente que vive en el
cielo
Y en la tupida selva que se
mezquina al sol
en el oculto reino de los
temibles *muiscas*
donde los monarcas se
bañaban en polvo de oro
Los hombres acorazados
buscaban la quimera que
recorrió el mundo
y atrajo a los aventureros tras
la América escondida

Los que vinieron buscando sus
miserias
las encontraron en los dédalos
de la jungla
sus negros corazones fueron
comidos
por los *choquiguas* y los
cavilaba-kilure
demonios que acechan en la
maraña del monte
Los llegados de la civilización
nos trajeron la barbarie

A los conquistadores
no les alcanzó ni el oro
ni la quina
ni el copal
ni el caucho
como tampoco ahora
les alcanzarán la madera
la castaña ni el petróleo
porque tienen que llenar el
vacío
que dejaron sus espíritus
cuando la codicia los perdió

Algunos
iluminados por el verbo
vinieron buscando redención
y la encontraron en sus propias
palabras
Despertaron a los artistas y
músicos
de entre las mujeres y hombres
caminantes de la selva
que provenían de la gente del
Agua
Transmutaron la tierra
la *Pacha Mama* de las altas
mesetas
en virgen de todos los cielos
A nuestros lugares sagrados
los volvieron templos cristianos
y a nuestros dioses de la guerra
en santos guerreros de
nombres castizos
pero ni siquiera imaginaron
a nuestra Señora de las Aguas la
diosa mensajera de la vida que
nos contempla desde el rocío

Los que vinieron
a encontrar un hogar
nos legaron la lengua
castellana
que se desplazó como el viento
y nosotros encantamos sus
palabras
poseyéndolas con el espíritu de
nuestros Reinos Dorados
permitiendo que sus voces
entren en relación con nuestro
universo
Con las tuyas y las nuestras
escribimos la memoria
de todos los tiempos
los que fueron
los que son
y los que serán
Nos dejaron sus palabras
y su sangre que como los ríos
se unen en alguna parte y
van hacia un sólo destino

Y el mundo sigue naciendo
en los territorios de los Reinos
Dorados
en los bosques, sabanas, ríos y
arroyos
germinan nuevas *orquídeas*,
libélulas azules
etores escarlata, *bejucos lluvia*
de fuego
En los territorios
de los Reinos Dorados
el mundo sigue naciendo
sin pasado que nos gobierne
ni tristeza que nos condene
el mundo es hoy y nosotros
los amantes de este nuevo
tiempo

Mi padre
pequeño en su mecedora
gigante en sus palabras
calla por un momento
y yo siento que no estoy
ni dormido ni despierto
estoy en la vigilia del ensueño
Su palabra me persuade de que
escuche
a las voces del agua que
poseen el registro
de lo que está por venir
de lo que está por llegar
Me pide que recuerde que los
anohecidos
Reinos Dorados están en cada
uno de nosotros
descendientes de esos
hombres y mujeres
que tenían el corazón más allá
del corazón
Veo que mi padre se despide
para volver adonde se vive por
siempre
se levanta de su blanca
mecedora de mimbre
y me aconseja que escriba lo
que me contó
porque al escribirlo estarás
marcando el camino

de retorno a Casa me dice y
desaparece en el humo.

Otoño del 2007

